ANNO II

ASSIGNATURAS PAGAS ADIANTADAS
Trimestre........ 2$000
Semestre........ 4$000
Anno........... 8$000

O PENSADOR.

NUMERO 31

PUBLICA-SE
Tres vezes por mez, nos dias 10, 20 e 30.

ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

Ut jam non simus parvuli fluctuantes, et circumferamur omni vento doctrinæ, in nequitia hominum, in astutia ad circumventionem erroris.
(S. Paulo, ad Epistola Cap. V, v. 14. Ephesos.)

Maranhão, 20 de Julho de 1881

Propriedade de uma associação

Prevenção necessaria.

Por toda a parte ha o detractor. Não ha paiz, não ha cidade mesmo, em que os vadios não se occupem da vida alheia.

Nesta capital, por exemplo, uma aristocrata, beata do Coração de Jesus, não perde occasião de deprimir-me. Sempre que se lhe offerece ensejo, ella abandona a posição que devera occupar, como mãe de familia; e passa a occupar-se da minha humilde individualidade.

Ponha ella tento na lingua. Emende-se. Procure reconquistar a posição que perdeu. Póde bem ser que a minha paciencia se esgote; e eu tomarei então o desforço que as circumstancias aconselharem.

Não temo medir a minha reputação com a de quem quer que seja.

Não trocarei jamais a minha posição de filho do povo, pela de padres aristocratas. Christo—o fundador da religião de que a beata se diz sectaria—exaltava os humildes. Si a beata conhece o Evangelho, deve isto saber.

Os europeis da grandeza só deslumbram o fraco, o villão.

Agrippino Azevedo.

O PENSADOR.

MARANHÃO, 20 DE JULHO DE 1881.

Secularisação dos Cemiterios

O berço tem uma gerarchia.

O principe nasce entre colchas de veludo, e o filho do povo mede a condição de seus pais o fez ver a luz do sol.

O Christo nasceu em uma mangedoura.

Na cidade dos vivos vê-se transitar o trapeiro ao lado do modesto operario, e estes d'envolta com o medico, o advogado, o politico, emfim o rico e o pobre.

Só na cidade dos mortos não ha distincções.

O rico e o pobre, o nobre e o plebeu, sentem todos igualmente a pallida morte com a mesma vez chamar os reis em seus palacios e o pobre em sua choupana, para envolvel-os, todos com igualdade, n'essa constante transformação dos seres chamada—a morte.

A materia debaixo do imperio da vida tem distincções: sob a egide da morte a fatal arithmetica da eterna evolução, somma todos os seres em um só resultado chamado a decomposição.

A natureza é una e indivisivel nos seus resultados que são a vida e a morte.

O individuo aniquila-se; a especie é eterna: porem socialmente só morre o indifferente, o inutil; aquelle que fluctua sempre entre as opiniões do seu tempo, sem se dedicar francamente em defender os bons, nem exprobar aos máos, os quaes terão em partilha a terrivel sentença do Dante:

Non ragiona de lor
Mas guarda e passa!

A paz dos tumulos, o respeito para com os despojos do homem, manifestado pelo amor paterno, pela piedade filial, e pelo reconhecimento dos esposos, jamais foi perturbado senão pelo fanatismo religioso.

Em todos os tempos os cemiterios foram o objecto da veneração dos vivos; quer desseccando os cadaveres pelo fogo, como nas Indias orientaes, quer distinguindo, mesmo na morte, os bons dos máos, como em Parsis, com os seus dous cemiterios, um branco para os justos, e o outro negro para os reprobos; quer embalsamando aquelles que lhes tinhão sido charos em vida, como os Egypsios; quer emfim de qualquer modo que a veneração dos vivos sepultasse os entes que tinhão cessado de viver, o campo da igualdade, foi sempre, em todas as idades, objecto do respeito publico.

Porem estava reservado ao papismo fugir dos mortos depois de ter excommungado os vivos!

O clero catholico desviou o homem do seu mais santo dever—á familia; sequestrou a mulher á mais sagrada de suas missões—a maternidade!

O padre romano não é pai, nem esposo;—a mulher votada a egreja não é esposa, nem mãi, nem filha, nem irmã, perdendo todos estes santos attributos, para rolar pallida, hysterica, esteril pelos degrãos dos altares, inteiramente votada á contemplação d'um céo gelado, creado pela imaginação atrofiada da vida mystica!

O homem nasceu pará a sociedade, porem o padre romano transviou-o da lei natural, creando um typo, o—eremita, que só existe em algumas especies de animaes da familia felina.

O selvagem americano, sendo intimado pelo europeu civilisado, para que abandonasse o paiz em que vivia, afim de que o conquistador n'elle se installasse, respondeu: «eu só abandonaria este canto da terra se podesse dizer a ossada de nossos pais, que aqui repouzão, levantai-vos e acompanhai-nos!» E o padre romano por espirito de seita, levanta a benção do cemiterio que recebeu o cadaver do homem que, em nascendo, encontrou a mão do derviche, em vez do hyssope do jesuita, para recebel-o á entrada da vida.

Tambem é justo, que aquelle que rejeita a união dos vivos, até na morte leve o espirito de separação, em que vive!

E justo que o homem cadaver nem entre cadaveres ache reponso!

Mas poderá a civilisação do seculo tolerar por mais tempo essa seita intolerante, cultivadora da hypocrisia, minando a sociedade para arrancar-lhe todas as conquistas do progresso?

Poderá continuar ainda a avidez do clero em vender caramente o favor de depositar-se os restos mortaes do homem em lugar sagrado?

Sabemos que os vivos simbolisam a saudade pelo ente charo que voltou ao seio da natureza, pelas figuras e inscripções que ornão as lapidas; mas para conseguirem este triste lenitivo é necessario que o padre lhe dê licença de chorar sobre a louza, que occulta as cinzas do filho, irmão, pai ou esposo!

E esta dependencia se perpetua, e o clero bebe nas lagrimas do afflicto o sustento d'uma vida inutil, apenas consagrada em guiar ao céo aquelle aquem acompanhou em vida desde o berço até ao tumulo!

Si apezar da theologia o homem tem conquistado os seus direitos, organisando um meio social, no qual, pelos seus unicos esforços, tem artes, sciencias e direitos, porque não empregará toda a sua energia em conquistar tambem um lugar de reponso, no qual receba as benções da sociedade, em vez do *requiescat in pace* do jesuita?

Por toda a parte o jesuita bate em retirada,—nas artes e nas sciencias. Fugirão já da familia, e é preciso enchotal-os mesmo d'entre os mortos.

A administração dos cemiterios deve pertencer ás municipalidades, e não áquelles que perderam o caminho do moderno céo:—*o amor por principio, a ordem por base e o progresso por fim.*

Honras de conego.

Está o publico inteirado do que ha a respeito desta importantissima questão. Sabe que, devidamente apreciada pelo governo imperial a reclamação, que fizemos, com relação ás honras de conego, concedidas pelo bispo desta diocese ao padre Raimundo Alves da Fonseca, mandou elle que o Exm. Sr. dezembargador Antonio Francisco de Salles, distincto procurador da corôa, interpozesse recurso, para o conselho de Estado, do abuso de auctoridade praticado pelo bispo diocesano.

O orgam do bispado, com o fim de defender o Sr. D. Antonio d'Alvarenga, sahio a campo. A par dos insultos, das infamias que dirige ao Exm. Sr. Dr. Cincinato e Dezembargador Salles e a nós, procura crear legislação nova. Vem fazer uma distincção de que a disposição que rege a materia não cogitou.

Com a transcripção, que fizemos, da Imperial Resolução de 24 de setembro de 1843 ficou sabendo o publico que a concessão de *honras de conegos* e outras semelhantes compete exclusivamente ao governo do Imperador. A sessão do conselho d'Estado, de que fazia parte um bispo, explica-a de uma maneira clara e incontestavel.

O orgam catholico desta diocese, na falta de argumentos, com que possa defender o bispo delinquente, procura fazer differença entre conesia *honoraria e honras de conego*. Semelhante distincção que a lei não fez, todos conhecem, é um meio de defeza. Mas é um meio infeliz. A Imperial Resolução, que citamos, não distingue, entre conegos com voto e conegos sem este, entre conegos que tem assento nas cathedraes e conegos que não o têm. O que ella declara é,—sem restricção alguma,—que a concessão de honras de conegos pertence exclusivamente ao poder temporal.

E tão verdadeira é esta theoria que o Bispo Monte, citados pelos padres, concorda plenamente com ella, quando na parte por elles transcripta, diz: «O governo é quem nomeia os conegos honorarios entre nós, como temos dito, pela mesma razão porque nomeia os effectivos: isto é, pelo direito singular do Padroado, porque pelo direito geral e commum, os bispos sam os colladores dos beneficios etc.» Eis ahi a verdade. Eis um argumento apresentado pelos defensores do bispo, produzindo contra elle.

Não duvidamos que, em these, pelos canones, compita aos bispos a concessão de taes honras. Não temos auctoridade para entrar na investigação deste ponto. Pelo contrario, concordamos plenamente com elle. Sempre pensamos que o poder temporal nada tem que vêr com as cousas espirituaes. Queremos a sua liberdade completa, porque, no dizer de Edgard Quinet, «o mundo politico e o mundo religioso sam dirigidos por principios contrarios, incompativeis; e devemos estar certos de commetter erro, quando se quer applicar a um o que compete a outro.» Desejamos a separação da Egreja e do Estado.

Mas no caso actual não se póde applicar essa these. Ha uma religião de Estado. O governo do paiz garante ao clero, á Egreja, gordos proventos. Dá-lhe muitas regalias. E' justo, pois, que ella respeite-lhe os direitos.

E d'accordo comnosco está o bispo Monte. Elle declarou que a concessão de honras ecclesiasticas deve exclusivamente pertencer aos bispos; mas que, entre nós, é attribuição do governo civil. A este ponto é que queriamos chegar. Si a gazeta catholica aceita a theoria que transcreveo, está d'accordo comnosco. Não póde negar a illegalidade do acto do Sr. D. Antonio d'Alvarenga. Si, pelo contrario, não a aceita, para que transcreveo-a? Com que fim trasladou-a para as suas columnas? Para accusar o Sr. D. Antonio?

Não sabemos como responder.

O publico que o faça.

* *
*

Para dar cumprimento á ordem que recebêra do governo imperial, pedio o Exm. Sr. Desembargador Salles uma certidão. Requereu ao bispo diocesano que lhe mandasse dar por copia a provisão, pela qual fôra nomeado conego honorario o padre Raimundo Alves da Fonseca. O Sr. D. Antonio mandou que a certidão fosse passada pela camara ecclesiastica: e esta declarou nada constar. Não ha, pois, um documento official da nomeação do padre Fonseca.

Este facto revela a illegalidade de semelhante nomeação. Prova de uma maneira a não restar a minima duvida que o bispo recua ante a responsabilidade de seu acto. Demonstra cabalmente que, apezar das infelizes defezas da gazeta clerical, S. Exc. reconhece a verdade das nossas asserções.

Já conseguimos fazer entrar uma resteia de luz, no cerebro opaco do Sr. D. Antonio. Já o fizemos pensar no triste papel que representa.

E' uma grande conquista.

* *
*

Não responderemos ao orgam catholico as infamias que nos dirige. Ella vive mergulhada na lama. Nós não nos queremos aproximar d'ella.

Continuaremos na nossa gloriosa tarefa. Proseguiremos com afan no trabalho que encetamos. Envidaremos esforços por livrar as nossas consciencias e as dos nossos conterraneos das garras desse abutre—o padre romano.

Não desceremos jamais a uma represalia indigna de nós. Não retaliaremos com os padres de Santo Antonio.

A gazeta catholica só merece represalia dos infames.

Nós nada temos que ver com ella.

Os homens de brio não se medem com os canalhas.

O Exm Sr. Dr Cincinnato Pinto da Silva e o «orgão dos interesses catholicos».

Poucos presidentes se tem, nesta provincia, mantido na posição que lhe é propria. Quasi sempre descem da altura que deveram occupar, para intervir na luta interna dos partidos. Cedendo ás imposições dos chefes das parcialidades a que pertencem, tornam-se dignos do desagrado publico. Incorrem na censura dos seus governados.

E' esta a regra mais seguida. E' esta a praxe mais usada. Nem sempre, comtudo, nós folgamos de dizel-o, isto se dá. Tem havido nesta provincia presidentes que sabem compenetrar-se devidamente da ardua tarefa de que foram incumbidos.

E n'este ultimo caso está o distincto Sr. Dr. Cincinato Pinto da Silva, actual presidente desta provincia. S. Exc. é um dos raros administradores desta provincia que tem mostrado o criterio, a moralidade, o talento, a illustração indispensaveis para o bom desempenho do importante cargo que foi chamado a occupar.

Não nos podem chamar defensores officiosos do illustre cidadão que preside os destinos desta provincia. Não nos podem averbar de suspeitos, com as proposições que vamos emittir. Nós somos adversarios naturaes do Sr. Dr. Cincinato. Somos os representantes de principios, de ideias diametralmente oppostos aos professados por S. Exc. Nós representamos o principio democratico. S. Exc. o monarchico. Nós somos sectarios conscienciosos das ideias republicanas. S. Exc. o representante do governo do Imperador, um dos elementos de sua estabilidade.

As nossas asserções, pois, só sam dictadas pela justiça. A defeza, que fazemos, do Sr. Dr. Cincinato é devida unicamente á falta de criterio d'aquelles que se tem constituido seus opposicionistas. Elles são os unicos causadores da posição que temos assumido.

Não podiamos consentir que se fizessem accusações injustas a um homem que pauta seus actos pelo honesto e pelo verdadeiro. Não podiamos tolerar que uma auctoridade, cujos actos trazem sempre o cunho do criterio e da circumspecção, fosse insultada impunemente nas columnas de um jornal que se diz orgam do moribundo catholicismo e que prega todos os dias o respeito ás auctoridades constituidas.

Não quer esse jornal que se ataque o bispo. Não quer que se aponte ao publico as loucuras d'esse funccionario. Não admitte que se prove a incapacidade do D. Antonio Alvarenga para o seu cargo.

E é esse mesmo jornal que deprime todos os dias o Sr. Dr. Cincinato! E' esse jornal que quer manchar a reputação de um cavalheiro distinctissimo!

Amantes da justiça, sacerdotes do direito, ouvindo unicamente os dictames de nossa consciencia limpida, sahimos ao encontro do orgam catholico. Fizemol-o pagar. Obrigamol-o a retroceder.

Cumprimos o nosso dever.

∴

Tratemos da gazeta catholica. Falle-mos d'ella. Vejamos quaes os factos de que accusa o Sr. Dr. Cincinato. Procuremos saber onde se firma, para declarar-se em opposição a S. Exc.

Sempre julgamos o orgam ecclesiastico um dos defensores de S. Exc. Pensavamos que seus redactores dispunham de um pouco de bom senso. Acreditavamos n'elle mais um jornal que reconhecesse a maneira cavalheirosa porque se tem S. Exc. portado na administração d'esta provincia.

Mas foi engano. Os affagos prodigalisados ao digno presidente da provincia tinham um fim:—fazer de S. Exc. um instrumento do clericalismo. Os padres não o elogiavam em vista do seu merecimento que todos reconhecem; mas para ver se conseguiam de S. Exc. a abdicação de sua dignidade. Esperavam que S. Exc., armado do poder, veria perseguir aquelles que os combatem.

E porque S. Exc. não cahio no laço que lhes armaram; e porque S. Exc reconheceu nos affagos dos padres a tactica do jesuita, o riso traiçoeiro do tigre, cahio no desagrado da gente catholica. Baston isto para que os padres se declarassem em opposição ao Sr. Dr. Cincinato. S. Exc. não era um instrumento; era um inimigo. Quem não é por nós, é contra nós—é a maxima jezuitica.

Passaram-se os tempos. O poder judiciario foi chamado a dar o seu voto em uma questão crime. Um padre, um dos redactores da gazeta catholica, injuriára um militar. O juiz pronunciára-o. Julgara-o culpado. Immediatamente o orgam clerical responsabilisa ao Sr. Dr. Cincinato pela condemnação do padre que delinquira. Attribue a S. Exc. um facto para que nem de leve contribuira, e cujo unico culpado fôra o padre que calumniára uma pessôa, imputando-lhe crimes que não commettêra.

E eis a gazeta catholica em campo! E eil-a a dirigir doestos ao funccionario que soube sempre collocar-se na altura que é propria!

Na falta de razões com que podesse combater o administrador criterioso e moralisado, recorre á falsidade. Apresenta factos que só existem na sua imaginação.

Diz a folha ecclesiastica que a opinião publica manifesta-se em desabono da administração do Sr. Dr. Cincinato. E' falso. Uma só queixa ainda não se levantou contra S. Exc. Todos os homens sensatos applaudem os actos reflectidos de S. Exc.

Diz que o jornalismo da provincia guerreia o. E' falso. Todos os jornaes rendem a homenagem devida a S. Exc. O *Diario*, o *Paiz*, a *Pacotilha*, o *Tribuno*, o *Telegrapho*, trazem sempre elogios a S. Exc., O *Tempo*, jornal puramente de opposição, si critica alguns actos de S. Exc. não deixa de reconhecer o seu criterio e circumspecção, appellando muitas vezes para elles. A *Civilisação* está isolada na opposição caprichosa que faz ao Sr. Dr. Cincinnato.

S. Exc., porem, não se deve importar com a opposição de falla ecclesiastica. A opposição, a guerra desabrida de um jornal que se tem constituido em inimigo da virtude, em pelourinho das reputações melhor formadas, honra summamente.

Diz mais que, si a parcialidade do partido conservador que acceita a chefia do prestigioso Sr. Dr. José da Silva Maya não se declara em opposição aberta a S. Exc. é porque não tem um orgam na imprensa. E' falso. O partido de que é chefe o Sr. Dr. Maya tem um orgam—o *Telegrapho*, de propriedade e redacção do talentoso jornalista Sr. Ricardo Alves de Carvalho. E o *Telegrapho* tem sido um dos mais denodados defensores do Sr. Dr. Cincinato contra os botes da maledicencia jezuitica.

Diz ainda que o proprio partido liberal tolera difficilmente a administração do Sr. Dr. Cincinato, tanto assim que a assembléa provincial, por vezes manifestou o seu desagrado á S. Exc. E para prova d'isto cita o ter sido a lei do orçamento feita sem assistencia da presidencia. E' falso. Em primeiro logar o facto de S. Ex. não intervir na confecção d'aquella lei, longe de merecer-lhe censuras, torna-o carecedor de encomios, porque deixou que a assembléa obrasse com toda a liberdade. Depois, a assembléa nunca manifestou desagrado algum a S. Exc. Pelo contrario, fazia-lhe sempre os maiores protestos de adhesão e de consideração que lhe merecia o digno presidente da provincia. Ainda por occasião do celebre pedido de informações, com relação aos tumultos de Santo Antonio, a assembléa manifestou, pela boca autorisada do deputado Sr. padre João Evangelista de Carvalho, o seu apoio a S. Exc. quando este deputado declarou que:—*vera infundado o boato que se espalhára de que o seu requerimento era um coto de desapoio ao digno administrador da provincia, porquanto todo a assembléa acatava-o e dispensava-lhe a consideração de que se tornára merecedor.*» As palavras não sam textuaes, porque não temos de momento o discurso d'aquelle deputado; mas o sentido é o mesmo. Quem duvidal-o,—é facil,—consulte o discurso que se acha transcripto no *Publicador Maranhense* e na *Civilisação*.

Estão desfeitas as accusações da folha catholica ao Sr. Dr. Cincinato.

Estamos satisfeitos comnosco mesmos. E sempre tarefa agradavel para nós defender as victimas da malidade jezuitica.

O que escrevemos não é para ser lido nesta provincia. Aqui ninguem necessita de nossas palavras para fazer juizo recto do Exm. Sr. Dr. Cincinato Pinto da Silva.

Fóra d'aqui podem fazer echo as apreciações injustas da gazeta catholica. Eis o que queremos evitar.

O nosso fim, traçando o que acima se lê, foi mostrar longe da provincia quanto valem as affirmações da gazeta clerical.

Conseguimol-o.

∴

Não poude a gente da gazeta catholica passar sem trazer-nos para a baila. Não poude deixar de chamar-nos *rapazes*.

Nunca negamos que fossemos rapazes. Confessamol-o até. Sim, somos jovens. Temos orgulho de dizel-o.

E por isso que somos jovens, achamos-nos com forças bastantes para combater as imposturas de Roma.

A mocidade dá-nos vigor. Com esse vigor podemos empunhar a clava da verdade. Empunhando-a, derribaremos esse velho pharizeo—o catholicismo—que se esconde nas trevas do passado.

Tal é o nosso intento.

Nós havemos de derribal-o.

O padre e a mulher

Ha por ahi muita gente que conteste, que ponha em duvida, o que temos dito sobre o padre romano. Essa gente merece confiança? Não. Porque pertence ao grupo dos bajuladores, que na falta de serias occupações, vivem mettidos nas egrejas, ouvindo as descomposturas grosseiras do Dr. Mourão á Maçonaria, ou os sermões cacetes, insupportaveis, amoladores, fastidiosos, de D. Antonio Candido d'Alvarenga. S. Exc. Rvm. quando falla, é pezado, roceeiro, como o objecto que tem o ultimo dos seus nomes.

E' a camarilha dos devotos e devotas quem nos chama de—rapazio, pasquineiros, maltrapilhos da imprensa.—Podera que não. Nós só temos dito a verdade. E como deixar de ser isso tudo, se nos temos occupado de padres, como o Dr. Mourão e de bispos, como D. Antonio?!

Nós calumniamos, nós mentimos. E' natural. Temos impossibilitado que o jesuita anarchise e corrompa a familia.

E' por isso que vamos denunciar ao publico um facto de grande importancia.

Achão-se actualmente creadas n'esta capital duas sociedades religiosas, compostas de senhoras. Uma funcciona em Santo Antonio, e a outra na egreja das Mercês.

Sabeis o que quer o padre com isso? Facilitar os seus planos tenebrosos, já como homem, já como padre.

A prova do que acabamos de avançar está no seguinte:—ha pouco tempo foi-nos fornecida uma lista contendo o nome de algumas insensatas que correspondem a paixão de que se achão possuidos por ellas certos padres... —E triste, tristissimo!!

O que póde esperar uma senhora que namora um padre? Casar-se com elle? E' impossivel. O padre não se pode casar. Então o que quer ella correspondendo esse amor?...

Essa pergunta, feita á nós mesmos, suggerio-nos o artigo que se segue, o qual dedicamos as mães de familia.

Eil-o:

∴

Bastantes vezes temos demonstrado que o celibato do padre romano não é só um escarneo lançado na face da moral publica, como é tambem um profundo abysmo cavado aos pés d'aquillo que ha de mais importante na sociedade—a mulher—.

O padre é um homem como um outro qualquer. No dia que se ordena, isto é—que toma as ordens sacras, jura solemnemente, perante Deus, com a mão estendida sobre o Evangelho, guardar castidade para todo o sempre, eternamente. Promette, em nome do Creador, ser casto, ser puro. E o padre faz o sacrificio de si mesmo. Morre para o mundo, vivendo para a egreja. Declara então uma guerra aberta aos prazeres e as pompas do seculo. Maldiz tudo o que é delle. A mulher, oh! a mulher! é a fonte impura de todos os males, é a origem de todos os peccados que flagellão os crentes. A mulher é a tentação em pessôa. E o peccado, na accepção absoluta da palavra, revestido de formas provocadoras, deslumbrantes, fascinadoras. E Satanaz transformado em Venus. A estrella escondendo o abysmo. A roza occultando a serpente. A mulher é a carne, a carne é a volupia, é a sensualidade, e isso tudo é o peccado—e o peccado é a morte da alma.

Eis ahi o padre romano no dia em que toma as ordens. E assim é elle obrigado a ser durante toda a vida. E' isso o que lhe ordena imperiosamente fazer a religião de que se tornou ministro. A religião impõe-lhe um absurdo: obriga-lhe a ir de encontro á uma das leis naturaes:—a propagação da especie—o que se observa não só em todo o reino animal, como no vegetal.

O catholicismo romano, ordenando á seus ministros a fugirem á acção d'essa lei imposta pela natureza, deixa de ser uma religião bôa, moralisadora, para tornar-se um fóco, um centro vivo de devassidão. D'ahi o atrazo de quase todos os paizes latinos, onde a mulher pouco tem conseguido pela sua emancipação. Nas nações catholicas a mulher deixa de ser mulher para ser devota. A devota é o resultado inevitavel do confessionario. E' um ser sem individualidade propria, sem acção, sem iniciativa. Não obra por si mesmo. Obedece ao padre.

O padre romano, como dissemos, jura ser casto para toda a sua vida, isto é—jura permanecer n'um eterno celibato.—Eis porque elle não póde casar-se, ao contrario do sacerdote protestante. Não póde constituir familia, um dos meios mais sublimes que temos para honrar a nossa especie. Mas, note-se bem, o padre depois do solemne sacrificio que fez, na occasião de ordenar-se, não deixou de ser homem, como era de dever, em razão de juramento prestado. Elle inda é o mesmo homem, que era antes da ordenação. Possue todos os seus orgãos physicos, sem excepção de um só.

Dessa maneira como poder guardar castidade, se elle padre se acha em perfeito estado de poder dar expansão aos seus desejos corporaes?! Como fugir assim á uma lei toda natural?! Como ser fiel a sua palavra, ao seu juramento?!.

Não ha razão, por mais forte e prevenida que seja, que não se submetta ao dominio dos sentimentos. O coração falla mais alto do que o espirito. E o padre pode deixar de curvar-se ao imperio dos sentimentos? Não. Porque, jurando ser casto, não deixou de ser homem. Para que elle podesse cumprir o seu juramento forçoso era que para isso o preparassem physicamente. Assim impossibilitado estava elle de ter desejos sensuaes, e por conseguinte de poder satisfazer uma das necessidades naturaes.

E barbaro, é deshumano, dirão. Mas o padre assim, diremos, estaria de accordo com o que lhe manda fazer a egreja. O padre seria puro. A carne não teria tentações. O padre não faria meretrizes.

Se é barbaro, se é deshumano, porque não reformais então esse absurdo da vossa religião que a desmoralisa todos os dias?! Não sabeis que é impossivel á um homem, no gozo de todos os seus orgãos physicos, poder conservar-se n'um estado difficil de supportar??....

Mas seachais isso, isto é—o celibato clerical—conveniente para interesse e sustentaculo da vossa seita, afastai o padre physicamente do nundo, inutilisai nelle o que póde prendel-o aos prazeres sensuaes da copula. Matai o homem e deixai somente o padre. Se não for assim, elle está sujeito a amar. Não póde fugir á isso. Ama. Nada mais nobre. Não amar é ter a alma vazia. O amor é o engrandecimento do coração humano. Christo foi grande porque amou—«Amou Magdalena. E é essa pagina, a mais sublime da sua vida, que não existe na Escriptura.»—

O padre, nada mais tendo feito que

jurar castidade, não está por isso impossibilitado de amar. E elle ama. Mas esse amor offende a sociedade, offende a moral, pela simples razão de não poder o padre unir-se legalmente com a mulher áquem ama. A egreja prohibi-lhe ter uma esposa, mas consente que tenha uma meretriz. Eis porque o padre só pode fazer prostitutas. A culpa é delle? Não. E' da religião.

Está provado, e d'uma maneira incontestavel, o quanto o catholicismo é perigoso e inconveniente. E' essa a religião que tem por fim moralisar a sociedade!!

Que respeito, que consideração, nos póde offerecer um sacerdote, que na egejá, affectando uma santidade e um abandono pelas cousas mundanas, nos prega, fallando-nos em inferno, em vida futura, uma moral, em nome do Salvador, e que sahindo d'ahi vai atirar-se voluptuoso nos braços da primeira messalina que encontra?!

Que garantias nos pode offerecer uma religião que força os seus ministros a serem hypocritas?!

Nenhuma.

A moral do padre, a moral revelada, não mais pode satisfazer as exigencias das sociedades modernas. Uma outra moral tem de substituir essa moral enferma que não mais pode viver,—que é a moral positiva; pratica, utilitaria, que está em perfeita harmonia com a natureza humana. Uma moral que é o resultado da evolução social, que pode acompanhar o homem no seu movimento progressista. A moral da egreja caducou. Está paralytica. Não pode avançar. E' por isso que ella vai ficando atraz.

Se essa moral, que emana da theologia, chegou á esse estado é devido, em parte, ao celibato clerical. Está ahi uma das causas da sua morte.

O celibato do padre é uma vergonha para a religião e um perigo para a sociedade. Dá em resultado a—prostituição.—A prostituta é a mulher despida da dignidade humana. Essa nudez deixa patente o animal. E' o anjo degenerado em besta.

Uma das cousas que bastante tem concorrido para o atrazo e desorganisação das sociedades é a prostituição da mulher. Ha quem veja nisso a causa principal de todas as desgraças sociaes.

O catholicismo romano, que falsamente se intitula a religião do Christo, muito e muito tem feito pelo engrandecimento da prostituição da mulher. Em quanto houver celibato clerical o numero de meretrizes augmentará. A castidade do padre é a grande destruidora da castidade da mulher.

O padre que se diz ministro de Deus, offende á Deus fugindo, por meio d'um juramento, á uma lei que, segundo elle padre, vem do mesmo Deus. Mas o padre engana Deus, porque no mesmo dia que prestou tal juramento foi fazer o contrario do que jurou. E faz. Mas não o faz como exige a sociedade. Não o faz licitamente, porque assim não lhe é possivel. Deste modo o padre, não podendo honrar a mulher, elevando-a a dignidade de espoza,—rebaixa-a a degradante condição de meretriz.

D'ahi a prostituição. D'ahi, já o temos dito, esse perigo social chamado—padre romano.—

⁂

Afastar a mulher do confissionario, arredal-a das sacristias, arrancal-a das mãos do padre, é impossibilitar que elle se apodere da sociedade.

Não deixaremos, sempre que nos for permittido, de advogar a causa da mulher, que é a causa da humanidade.

O padre não podendo prostituir a mulher, fal-a beata. Não podendo corromper o corpo corrompe a alma. O que elle quer é possuil-a.

Mães de familia, o templo da mulher e o lar domestico. Zelai pela honra de vossas filhas.

Evitai o padre.

O conego de contrabando R. Fonseca.

Desde a creação d'o PENSADOR que batemos com energia e até com preferencia o padre Raimundo Fonseca, fanatico perigoso e hoje conego ou *conega* por artes de *berliques e berloques*.

E cumpre confessar, faziamol-o convencidos de que esse discipulo de *Loyola* não era um ente mau e prejudicial, mas sim um desgraçado pervertido pelo fanatismo, bebido em livros condemnados pela razão e poderosamente auxiliado pelo seu enfraquecimento physico, que então se attribuia ao excesso de exercicios *santos* do beaterio, mas cuja cauza, verdadeira e hoje conhecida, é segundo dizem consequencia de outros excessos quiçá mais *finos*, porem com certeza muito mais condemnaveis. Essa illuzão porem foi de pouca dura. E a mascara, por tanto tempo afivelada á cara hypocrita d'esse *santissimo varão*, cahio como por encanto deixando patente a verdade em toda a sua hediondez.

Os artigos *anodecados*, escriptos em linguagem baixa e immoral contra o DIARIO DO MARANHÃO; a verrina miseravel e infamissima contra o honrado commercio d'esta praça, publicada no VERIDICO PAIZ, *orgão* especialissimo d'aquella classe, foram segundo dizem os primeiros passos d'esse perigoso reaccionario, que o *pasquim clerical* garante não estar prezo ao QUARTEL, pela cobiça dos pingues proventos; asserção calumniosa desmentida poderosamente pelo *desinteresse* d'esse *anjo* do Senhor que vive, qual ostra, atado á têta do Governo, a quem attaca covardemente no referido pasquim. Mas ainda não é tudo! Esse *honrado* sacerdote, cuja *virtude e santidade* é assumpto obrigatorio do *catecismo* das beatas do coração, leva tão longe o seu *desapego* pelas cousas mundanas, que não se peja de mascarar-se publicamente de conego, offendendo de um modo insolito as leis deste paiz, onde occupa o posto de Capitão do exercito!

Nem as censuras vehementes e diarias do jornalismo, nem o energico procedimento do Governo Imperial—mandando trancar a *fabrica diocesana*, donde o Rvd. é producto illegal, demoveram-no do vergonhoso proposito. E assim continuaria essa nojenta comedia, se a patriotica redacção d'o PENSADOR não tomasse a resolução de dirigir, a representação que abaixo se lê, ao Illustrado Dr. Promotor Publico da Capital, cuja integridade garante d'ante mão o cumprimento da lei.

Illm. Sr. Dr. Promotor Publico da Capital.

Nos abaixo assignados, usando do direito que é conferido a todo e qualquer cidadão pelo art. 279 do Codigo do Processo Criminal, vimos representar a V. S. contra o padre Raymundo Alves da Fonseca, capitão capellão do 5.° batalhão d'infantaria, que publicamente usa do titulo de conego e das respectivas insignias, sem de facto ter direito de usal-as; e o faz constantemente e até em funcções solemnes, como ainda ha pouco na procissão de Corpus Christi.

Commettendo o mesmo padre, com semelhante procedimento, o crime definido no art. 301 do Codigo Criminal, no qual cabe a denuncia ou procedimento popular, os abaixo assignados fazem a presente representação a V. S. para que, zeloso e deligente como é, se digne proceder na forma da lei.

E para provar a verdade do exposto os mesmos abaixo assignados offerecem com esta o jornal *Civilisação* de 29 de abril de 1881, do qual o padre Fonseca é um dos redactores e em que, em um manifesto do clero maranhense, está assignado, como se vê na 5.ª columna—«conego Raymundo Alves da Fonseca;» e tem assim as testemunhas seguintes: —Conegos João Tolentino Guedelha Mourão, Theodoro Antonio Pereira de Castro, Honorio José Saraiva, José Gonçalves Serejo, Carino Nonnato da Silva, Candido Marinho d'Oliveira, José Silvestre Alves de Miranda.—Padre Francisco José Baptista—Moysés Tulo da Pureza Saraiva—Fernando da Cruz Rubim—José Joaquim Marques de Figueredo—Antonio dos Reis Rayol—Augusto Frederico d'Almeida.

COLLABORAÇÃO

O PAIZ—orgão especial do commercio e particular do bispo.

Continua o *Orgão especial* no seu inabalavel mutismo, mysterioso e comprometedor.

Nem uma palavra se quer em defeza das suas ideas d'outr'ora. Quem diria que *este é o* mesmo *Orgão*, que, repellido injuriosamente da cadeira que tanto queria, pintou com côres vivas e apropriadas a catadura feia e má d'esse D. BOLONIO, mimo incomparavel do fanatismo da princeza!

Quem diria que esse *Paiz*, d'antes tão festejado, cuja opinião era ouvida com respeito, se transformasse em papel padresco, passivo e obediente ao menor aceno da camarilha gadelhuda!

Triste situação!...

Hontem se lhe faltava materia dizia ao operario, dando um masso de jornaes, transcreva d'ahi. Hoje, coitado, nem isso póde fazer. O jesuita, fustigado em toda parte pela razão e justiça, é assumpto obrigatorio da imprensa livre. E o *Orgão* (infeliz *Orgão*) não póde consentir que em suas columnas, tristonhas e carunchosas, se fustigue esses *santos varões*, a quem a infamia e a calumnia tanto devem. O *Orgão* agora lê tudo e o operario intelligente já não póde transcrever o que lhe parecer curioso.

Triste situação!.

O Governo Imperial manda processar o bispo ignorante que exorbitou de suas atribuições. O integro procurador da corôa requer a prova do delicto. O bispo delinquente *nega*! A imprensa inteira applaude o procedimento do governo e condemna a covardia episcopal. E o *Orgão*, coitadinho, fica mudo, mudo que faz dó...

O padre Fonseca, conego de contrabando, affronta todos os dias as leis d'este paiz usando insignias que lhe não competem. A imprensa livre clama, *una voce*, contra o audacioso temerario. E o *Orgão*, coitadinho, mudo, mudo que faz dó!

Mas em compensação *Totós* e outros espectadores de igual jaez vomitam quotidianamente injurias contra o nosso distincto advogado Dr. Lapemberg e todos aquelles que defendem a causa da justiça e da razão.

E como se isso ainda não fosse bastante, o *Orgão*, que poupa o miseravel jesuita, consente que NEMO, injuriando a hospitalidade maranhense, dispare em coices contra Antonio Pedro, esse astro luminoso da arte dramatica e seus dignos satellites!

Triste situação! Infeliz *Orgão*!

Gregorio de Gavedin.

Alviçaras

Damos alviçaras e bons a quem nos vier dizer—por extenço o nome de um LIBERALÃO, que, no PAIZ d'hontem, sustenta o curioso principio—de que o governo por ser liberal não deve encommodar-se com pequenas infracções de lei, taes como o bispo fazer conegos e outras parlatices semelhantes!

Opportunamente nos occuparemos d'essa insigne alimaria, cujas *theorias* são de um *valor inestimavel* e se conseguirmos apanhal-a a unha, juntal-a-hemos a *Nemo* a fim de serem aproveitados no *bond* do Cutim.

Theodoro Castrus.

Incoherencia

O sr. d. Antonio Candido d'Alvarenga bispo, por infelicidade nossa, desta diocese, não assignou o programma da festa de S. João, por ser um de seus assignatarios pertencente a Maçonaria, o Sr. Major João Luiz Tavares; ao passo que prestou a sua assignatura ao programma da festa de Santa Filomena que da mesma forma se acha assignado por um maçon, o Sr. Candido B. Costa Canaes.

A vista disso que juizo se pode fazer de S. Exc. Revd.ª?

Os motivos que teve S. Exc. para recusar-se a assignar o programma da festa de S. João, tambem não se dão em relação a festividade de Santa Filomena?

O Sr. Canaes é maçon como o Sr. major Tavares.

Isto prova mais uma vez o quanto S. Exc. Rvm.º é incoherente.

Candido Petillon

ECHOS DA RUA.

Frei Miranda, o *dengoso*, já não dorme ha muitas noutes no seu convento!

—Onde dormirá este *santo* varão?

—

O capitão Eucydes Faria apresenta-se publicamente no theatro na cadeira da *Civilisa-o-cão*, ostentando assim a parte que tem na Redacção d'aquelle *Revd. pasquim*, onde é todo o dia insultado o Governo da provincia, de que o capitão Faria é empregado!!!

—Chamamos para este facto a attenção do actual e digno Presidente, tomando a liberdade de lembrar que a muita benevolencia é as vezes prejudicial á authoridade.

—

Os rafeiros de Santo Antonio deram agora p'ra ladrar ás botas de VICTOR LOBATO, sympathico proprietario da PACOTILHA, por estar no goso da licença que lhe concedeu o Governo; ao mesmo tempo que procuram justificar Raimundo Fonseca, *moleque da Civilisa-o-cão*, que anda mascarado de conego pelas ruas da cidade!

—Oh NEMO! Oh NEMO do *Paiz*! dá-me por favor dois coices, d'aquelles que déste no sublime ANTONIO PEDRO, nesses tartufos lá de Santo Antonio.

—

O conego de contrabando, Raimundo Fonseca, que já cahio n'agoa querendo refutar Eugenio Peletan, promette agora criticar o MULATO, romance do nosso festejado chronista ALUIZIO AZEVEDO.

—Macaco quando se coça, quer chumbo...

—

O capitão *Bristol*, usado e *pintado* rufião nocturno, que hoje vive em *plena santidade*, já foi expulso de uma casa de familia, onde queria explicar de mais certas lições de violão.

—E quem foi rei sempre lhe fica a magestade...

—

Antonio Candido, o histrião popular, mandou metter em saccos as mãos de frei *Magrico*, como se faz aos cabritos, afim de que este *santinho* não viva tão agarrado aos livros...

—Fez bem, porque o desgraçado está realmente esfalfado.

—

Os tartufos de Santo Antonio vêm furiosos no seu ultimo *pasquim*, por ter o Governo Imperial tomado as providencias que o PENSADOR pedio sobre a fabrica de fazer conegos do Sr. *Antonio Alvarenga*.

—Tomou tento na lingua tartufos. Nós agora temos *Nemo*, e *Nemo* dá coice.

—

Que differença existe entre o *Nemo* do *Paiz* e as cavalgaduras lá de Santo Antonio?

—Estas dão coices mesmo lá da mangedoura e *Nemo* anda desencabrestado disparando em ANTONIO PEDRO e seus dignos companheiros.

—

Os tartufos de Santo Antonio embirraram com os vendedores da PACOTILHA porque alguns usam divisas e outros distinctivos.

—Egoistas. Então só o vosso moleque Mundico é que póde andar vestido de conego sem o ser?!

—

João das Guedelhas, a quem alguns parvos concederam fama de polemista, p'ra deffender o bispo, que nomeou conegos illegalmente, vio-se obrigado a comparal-o á maçonaria, sociedade que

o mesmo bandido attaca em toda a parte que chega.

—Pedaço d'asno, és incontestavelmente um *talento de borracha!*..

—

Informam-nos que *seu Moysés Tude*, livre das canceiras do *Bumba*, em que tomou parte importante, vai offerecer aos vendedores da PACOTILHA, p'ra serem cantados no tom do *«Eu vinha papé, eu vinha, etc.»* os seguintes versos de sua composição:

Frei Magriço não é conego,
Mas tem pernas de *perdiz:*
Coitado de *Frei Magriço*
Qu'em tudo mette o nariz.

D. Gerôba o nomeou,
Mas o Governo não quiz;
Frei Magriço não é conego,
Mas tem pernas de *perdiz*.

O Chefe lá da Policia
Vai mettel-o na cadeia,
Por causa da côr da murça
E tambem da côr da meia.

Quem diria qu'este *santo*
Ia parar na prizão,
Sendo lente do Lyceu
E do 5.º Capitão!

Larga as meias encarnadas.
Padre mestre da Fonseca,
Fica sendo, como d'antes,
Perna fina e cara secca.

—

Movimento dos templos: Santo Antonio na ultima sexta-feira:

Beatas de côres *fuscas*	11
Ditas brancas do *pagóde*	18
Thesoureira *baluarte*	1
Zeladora *araretada*	1
Grande *chefa das pagés*	1
Seu *panzinho* singular	1
Sua bilha esfriadeira	1
Seu pilãosinho de ébano	1
Curiosos diversos	4

NB.—Seu Puresa foi, porque se acabou o *boi*.

Soror Pompadour.

CHRONICA.

São cinco horas da manhã—a natureza ainda está embrulhada na coberta de dormir. porem já o ceu empallidecera para as bandas do nascente, vem ahi o senhor Sol, que não é homemsinho para graças. As estrellas, tontas de somno, fazem a trouxa e muscam-se; em quanto uma visinha do chronista borrifa com agoa da bocca um alegre papagaio que abaixa a cabeça e abre voluptuosamente as azas pára receber a ducha.

Com poucas ha-de amanhecer—começam já a passar as pezadas e ruidosas carroças para o serviço; um moleque enche a rua com a opulencia de seu assovio, que entoa os requebros da arauna, e vae acompanhando a musica a bater expressivamente com uma moeda de dous vintens contra a garrafa de leite.

Alguns vultos femininos dirigem-se para as bandas do Santo Antonio. embrulhados na tristeza de um veu preto; o homem do pão vae de quitanda a quitanda com o seu sacco ás costas; ouve-se estalar na calçada a chinella de sola e vira de alguma mulata, que procura a casa dos senhores. Do Caminho-grande descem os caboclos com a verdura e os bolos da roça, em quanto no largo do Quartel passeia de chapeu na mão, solemnemente, um commendador a receber na aridez de sua careca os primeiros beijos do sol.

É a hora em que os corações estão limpos e as consciencias arejadas—hora em que o canto sae transparente da garganta e o olhar embebe-se na pureza matinal do ceu.

Uma recordação agradavel abre-me suavemente as petalas da memoria—é a lembrança de Antonio Pedro, o artista de grande merito, que ultimamente faz as delicias dos homens de bom gosto desta provincia; uma outra idéa faz-me entristecer pensando na perseguição, na injustiça com que os padres tratam os agentes do trabalho desta terra.

Quer o leitor dar-se ao encommodo de acompanhar-me em um passeio?—Vamos a Praia-grande, é o bairro do trabalho por excellencia, é o bairro da actividade, é o logar onde pode se observar a olhos desarmados a grande luta pela existencia, a luta do homem com a vida, o combate peito a peito, a fadiga, o trabalho emfim.

Estenda o leitor os olhos pela Praia Grande e veja quantos trabalhadores cruzam-se em todas as direcções—daqui são caixeiros, dalli negociantes, deste lado homens de carreto; daquelle outro agentes de leilões, empregados de escriptorio, guarda-livros, despachantes, conferentes, emfim todo esse mundo da actividade, todo esse mundo do esforço.

Esses homens gastam o dia a disputar um pão para si e seus filhos, esses homens chegam a noute em casa devorados pelas fadigas e quebrados pelo suor de um dia inteiro e, quando pedem os jornaes para espairecer o espirito, a primeira cousa que lhes salta aos olhos, é uma descompostura da *Civilisação!*

E quem escreve a *Civilisação*?

São os padres!

E o que sãs os padres?!

Vejamos:

Em toda a sociedade bem organizada a população se divide em dous grandes grupos—o grupo que trabalha e o grupo que devora.

Um faz e o outro desfructa.

Um ajunta e o outro come.

Ao grupo que trabalha, que faz e que ajunta, devemos tudo o que possuimos de bom—as casas, as ruas, as idéas, as leis, as festas, os livros bem intencionados, os quadros, as bôas musicas, os dramas e a arte de representar, assim como devemos a cultura das terras, os vinhos, o pão, as modas, as mobilias, as armas, os objectos de utilidade e os objectos de luxo.

Si temos uma bôa cama, si possuimos um bom carro, si gosamos uma bôa dispensa, si conhecemos a terra que pisamos, o ar que respiramos, si a nossa roupa é bôa, si a nossa saude é garantida, devemos ao grupo que trabalha.

Tudo de bom, util e proveitoso que nos cerca é delle que nos vem.

Com o outro grupo se dá justamente o contrario. Tudo o que ha de mao, todos os vicios, todos os males sociaes, todos os crimes vêm do grupo que não trabalha, do grupo que não produz.

Como o trabalho é o pae de todos as virtudes, a occiosidade é a mãe de todos os vicios.

Querer que um homem não trabalhe e produza o bem—é querer metter-se em agua gelada e sentir calor.

O bem vem da actividade. A virtude pode ser qualificada do seguinte modo—o perfume do trabalho.

Segue-se por conseguinte que a maldade está na razão directa da occiosidade.

E qual é o homem mais ocioso que ha entre nós?!

A resposta salta aos labios—o padre!

Sim! o padre, esse que nada produz, esse que não faz o pão, como não faz um boneco, como não faz um livro que aproveite.

D'ahi a luta, a guerra odiosa e incarniçada que fazem os padres de Santo Antonio ao grupo mais trabalhador d'esta provincia—o Commercio.

Dahi a razão porque ha alguns mezes o padre Fonseca publicou contra os negociantes desta praça o acervo de descomposturas que appareceu um dia no *Paiz*, com grande escandalo dos homens sensatos e moralisados.

O Fonseca insultára o commercio por uma unica razão—porque o Fonseca era um grandecissimo vadio.

Um vadio só?!

Não! um vadio e um.... um não sei o que.—

Porque?

Porque esse mesmo homem que cobria de insultos o commercio desta praça, não desdenhou mandar pouco depois uma circular a casa de todos os negociantes conhecidos, implorando uma assignatura para um jornal que ia publicar. O commercio respondeu dando-lhe as costas.

O Mourão, vendo isto e calculando o prejuizo que d'ahi vinha para o tal jornaleco, apressou-se a protestar na primeira occasião contra o procedimento do collega, e em um jantar em casa de um dos mais considerados negociantes desta praça, dirigio um brinde adulatorio a *importantissima corporação commercial*.

A corporação porém não se deixou embrulhar e continuou no seu desprezo.

A luta continuou e continuará!

Em quanto o negociante passa os dias suando para sustentar uma familia—o padre furgica descomposturas e estuda meios de phanatisar a familia do negociante.

O homem que trabalha não pode prescindir da mulher, é ella quem cuida-lhe da casa, quem lhe ministra os remedios quando elle está doente, quem o anima, quem mesmo o aconselha.

Ora, o padre sabe disto perfeitamente e quer a todo o custo privar o homem trabalhador da mulher que é uma de suas melhores forças.

O homem, uma vez privado da mulher, torna-se um soldado desarmado, uma força sem razão, uma lanterna magica sem luz.

E quaes são os meios que o padre emprega para semelhante fim?!

Todos, sem distincção alguma, porem o mais usado são as celebres irmandades do genero da do *Coração de Jesus*.

Essas irmandades são o caminho mais curto para o phanatismo. A mulher uma vez phanatisada, converte-se na melhor arma do padre contra o homem do trabalho.

E' com essa arma terrivel que os padres contam para seus triumphos, contra ella não ha força que resista; coração que não se torça; consciencia que não succumba.

Mas afinal o que diabo querem os padres inutilisando os homens do trabalho?!

Querem possuil-os, querem que elles trabalhem, mas trabalhem pela Egreja. Querem contar com os bons legados dos homens ricos, querem contar com os presentes, as considerações, as festas e o dinheiro.

Sim! o dinheiro—o padre tem, como qualquer vadio pobre, muito amor ao dinheiro dos outros.

Esse dinheiro representa nada mais, nem nada menos do que o trabalho.

Si o padre, em vez de passar o dia a escrever descomposturas estereis, em vez de andar inventando historias de Satanaz para estragar o espirito do povo, resolvesse botar a preguiça para um lado e se dedicasse a um trabalho proveitoso, estava livre de fare ar a prosperidade alheia e não ladrava tão furiosamente contra aquelles que gozam de certas regalias, graça aos esforços de sua actividade.

Mas não! o padre não trabalha e quer que nós trabalhemos para encher lhe o bandulho.

E porque nós não nos queremos prestar a semelhante cousa, publica contra nós toda a especie de infamia e leva a covardia a ponto de prometter excommunhão a toda a menina que ousar levantar os olhos a um livre pensador!

São muito ridiculos!

Depois de combater o nosso fraque, o nosso bigodinho e as nossas meias, combate, procura combater o nosso coração!

Mas as maranhenses solteiras, que não são do tempo do panca e dão ao padre o insignificante valor que elle merece, declaram que preferem um *livre pensador* a qualquer outro noivo que não pense livremente.

Dahi a grande birra dos padres—birra alvar e inplacavel—birra de gato brabo.

E emquanto o padre estorce-se nos spasmos de sua collera, o chronista ri com os seus companheiros, ri a bandeiras despregadas e aproveita a occasião e assumpto para fazer boas palestras com as suas bellas comprovincianas.

Este pouco caso das moças maranhenses é o que mais dóe aos padres—os desgraçados preferiam todos os males a esse eterno desdem com que as bellas meninas acolhem os rvds. velhacos.

Tal é o desprezo a que os condemnou a sociedade maranhense que os infelizes chegam a fazer dó.

A principio ainda alguem de bôa fé acreditava que os pobres homens tinham suas convicções, porem taes e tantas fizeram elles e tantas e taes fizeram os livres pensadores que os padres da *Civilisação* por mais que digam, já não conseguem ser acreditados.

Quem pode negar que o Fonseca, em algum tempo gosou de certo conceito entre os homens mais credulos desta cidade?!

Dizia-se que elle, coitado! fazia suas tolices mas era levado pela convicção. porem hoje?!

Hoje não ha uma criança que pronuncie o nome de semelhante bôbo sem cahir na gargalhada.

O Mourão, então?! O Mourão vinha do Pará com uma fama de ferrabraz e fallava-se do Mourão com uma voz de assombro.—Elle era o sabio, o polemista de pulso, o terrivel critico, o lutador indomavel.

E depois?

Depois bastou que meia duzia de rapazes—o rapazio! calçasse um par de esporas, passasse-lhe a perna e o passeasse pelas columnas de alguns jornaes, para o potro quebrar inteiramente de forças e cahir prostrado.

A respeito do Fonseca aconteceu o mesmo—tanto tinha de bem conceituado dantes para as almas ingenuas como tem hoje de abandalhado para o nosso publico—foi bastante que um rapazola se lembrasse de arrancar-lhe a mascara para apparecer a cara de velhaco que debaixo della se escondia.

E o interessante é que agora dizem elles ingenuamente não saber o motivo de tudo isto!

E' bôa!

O motivo, velhacos de uma figa, está todo no que vocês queriam fazer e no facto de nós não termos querido consentir em tal.

Ora, se com a opposição que tão energicamente temos feito, ainda contam elles o que contam, ainda sustentam que *o diabo se disfarça em rapaz para ir a maçonaria, e que, aquelle que não acredita em Satanaz não acredita em Deus*, quanto mais se encontrassem o Maranhão de braços cruzados, então é que era obra!

Mas nós cá estamos, meus aventureiros! e antes que esta pobre terra fosse de todo para o fundo, teramos a coragem de correl-os todos a gibata.

EXPEDIENTE.

Alem dos jornaes com que já permutamos, recebemos mais os seguintes:

Gazeta da Tarde (Bahia); *O Americano*, Cachoeira (Bahia); *Guttenberg* (Alagoas); *Provinciano*, Parahyba do Sul (Rio de Janeiro); *Revolução* (Côrte); *O Guarany*, Cachoeira (Bahia); *A Propaganda* (Côrte); *O Tempo*, Valença (Rio de Janeiro); *Reform Club* (Ceará); *O Americano* (S. Paulo); *O Industrial*, orgão da associação industrial do Rio de Janeiro; *Deutsche Zeitung*, importante jornal allemão que se publica na Côrte; *Jornal do Assú* (Rio Grande do Norte) e a *Gazeta de Noticias* (Pará).

As illustradas redacções agradecemos e em troca lhe enviaremos o nosso periodico.

Maranhão.—Typ. de Frias & Filho Imp. por Antonio L. de Barros Lima